



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 5, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 5 - EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.05.57>

Recebido em: **03/09/2020**

Aprovado em: **04/09/2020**

O LUGAR DA MULHER NAS AVENTURAS DE DIÓFANES DA AUTORA
OITOCENTISTA TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA; THE WOMEN'S PLACE IN
AVENTURAS DE DIÓFANES BY THE EIGHTEENTH-CENTURY AUTHOR TERESA
MARGARIDA DA SILVA E ORTA; LA PLACE DES FEMMES DANS LES AVENTURES
DES DIOPHANES DE LA DIX-HUITIÈME AUTEUR TERESA MARGARIDA DA SILVA E
ORTA

FATIMA BEZERRA NEGROMONTE

<https://orcid.org/0000-0003-4324-3873>

ANA LUCIA SIMOES BORGES FONSECA

<https://orcid.org/0000-0003-4285-7064>

RESUMO

Este trabalho tem como propósito apresentar um estudo sobre as representações sociais de Teresa Margarida da Silva e Orta (1711/12 - 1793) acerca do papel da mulher na sociedade da época. A pergunta norteadora da pesquisa, tratando do papel da mulher na representação da autora oitocentista, apontou os procedimentos metodológicos do trabalho, esses versando sobre análises de diálogos de personagens do seu livro *Aventuras de Diófanes*. A partir dos conceitos de representação social (Chartier, 2009) e de literacia Soares (2006) e Street (1993), buscamos compreender as ideias da autora na obra. O resultado da investigação apontou que a autora, apesar de ratificar alguns valores sociais atribuídos à mulher no seu momento histórico, inovou ao desconstruir crenças acerca da incapacidade feminina de evoluir intelectualmente por meio da literacia.

Palavras-chave: Educação. Literacia. Mulher. Representação Social. Século XVIII.

ABSTRACT

This work aims to present a study on the social representations by Teresa Margarida da Silva e Orta (1711/12 - 1793) in what concerns the role of women in the society of the time. The leading question of the research, dealing with the role of women in the representation of the 18th-century author, pointed out the methodological procedures of this work, which deals with analyses of the characters' dialogues in her book *Aventuras de Diófanes*. Based on the concepts of social representation (Chartier 2009) and literacy Soares (2006) and Street, (1993), we tried to understand the author's ideas in the book. The result of the investigation has shown that the author, despite ratifying some social values ??attributed to women in that historical moment, innovated by deconstructing beliefs about the female inability to evolve intellectually through literacy.

Keywords: Education. Eighteenth Century. Literacy. Social Representation. Woman.

RESUMÉ

Cet ouvrage vise à présenter une étude sur les représentations sociales de Teresa Margarida da Silva e Orta (1711/12 - 1793) sur le rôle des femmes dans la société à l'époque. La question directrice de la recherche, traitant du rôle des femmes dans la représentation de l'auteur du XIXe siècle, a rappelé les procédures méthodologiques de l'œuvre, celles traitant des analyses de dialogues de personnages dans son livre *Aventuras de Diófanes*. À partir du concept de représentation sociale proposé par Chartier (2009) et de la littératie Soares (2006) e Street (1993), nous cherchons à comprendre les idées de l'auteur dans l'œuvre. Le résultat de l'enquête a montré que l'auteur, malgré la ratification de certaines valeurs sociales attribuées aux femmes à son époque historique, a innové en déconstruisant les croyances sur l'incapacité des femmes à évoluer intellectuellement grâce à la littératie.

Mots-clés: Éducation. Dix-huit Siècle. Femme. Littératie. Représentation Sociale.

1. Introdução

A mulher brasileira ter permanecido, por séculos, sem ter direito à educação formal é fato comprovado pela nossa historiografia. Durante 322 anos, de 1500 a 1822, período correspondente à colonização portuguesa, a educação da mulher foi direcionada apenas para o seu exercício das funções domésticas no espaço privado do lar: cuidar do marido, dos filhos e da casa. Os homens, por outro lado, recebiam a instrução da arte de ler e escrever, proporcionada pelos jesuítas, pois eram preparados para administrar os negócios da família. Ademais, exerciam o direito de mandar e decidir, enquanto, às mulheres, cabia lhes devotar total obediência e submissão (RIBEIRO, 2000).

Porém, diversos momentos da História revelam que sempre houve as transgressoras das normas, mulheres que se insurgiram contra os mecanismos de opressão, controle e poder aos quais eram submetidas e lutaram em prol dos seus interesses pessoais e coletivos. Contudo, muitos dos feitos históricos dessas mulheres não foram registrados pela História Oficial. Podemos citar, como exemplo, o caso de algumas indígenas que conseguiram burlar as normas e aprenderam a ler e escrever, apesar da proibição da mulher ao acesso à instrução durante o período colonial brasileiro. De acordo com Ribeiro (2000), há indícios de que Catarina Paraguassu, uma índia conhecida como Madalena Caramuru, tenha sido a primeira mulher brasileira alfabetizada no Brasil, conforme demonstra o registro histórico da data da carta por ela escrita ao padre Manoel da Nóbrega, no dia 26 de março de 1561.

Mediante o exposto, pode-se afirmar, portanto, que registros relacionados à história da mulher brasileira foram negligenciados, não divulgados, ou pouco divulgados pela História Oficial. Entretanto, por intermédio do campo da História Cultural, fontes históricas, antes não consideradas, vêm sendo reconstruídas e ressignificadas, favorecendo, assim, novas possibilidades de pesquisas sobre fenômenos anteriormente ignorados. Diante desse contexto, a Literatura tem sido fulcral para o resgate de memórias coletivas de sujeitos outrora marginalizados nas produções historiográficas, como a mulher, a criança, o negro, o índio, o homoafetivo, o louco, etc.

Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo apresentar um estudo sobre o livro *Aventuras de Diófanes*, obra literária escrita por Teresa Margarida da Silva e Orta, no século XVIII, em 1752, período histórico no qual as mulheres não tinham direito à voz e à escrita, dando enfoque às representações sociais da autora acerca do papel da mulher na sociedade da época. A referida obra pode ser considerada pioneira no campo da Literatura de Mulheres, devido ao fato de pouquíssimas delas serem letradas e, por conseguinte, não capacitadas para escrever livros naquele período histórico. Ressaltamos que, apesar da sua importância e de vários autores o considerarem como o primeiro romance brasileiro, uma das muitas contendas sobre a obra, este livro ainda é praticamente ignorado por muitos estudiosos da literatura.

Considerando que os conhecimentos históricos são construídos a partir de diferentes representações do passado e que as fontes documentais que os alicerçam também indicam diferentes formas de compreensão de mundo, buscamos analisar as representações da autora sobre a sociedade da qual ela fez parte. Assim, por meio da análise de alguns excertos dos escritos de Teresa Margarida da Silva e Orta, procuramos compreender o seu pensamento em relação ao lugar da mulher na sociedade do seu contexto sócio-histórico.

Nosso objetivo foi, portanto, o de conhecer as representações sociais de uma escritora do século XVIII, bastante intelectualizada e, em decorrência disso, singular dentro do seu período histórico. Afinal, embora fizesse parte do sexo considerado inferior e tenha assimilado o contexto cultural em que estava inserida, Teresa Margarida desenvolveu o seu pensamento crítico por meio da literacia.

Nessa perspectiva, a pergunta norteadora da nossa investigação é a seguinte: qual o papel da mulher na representação da autora oitocentista Teresa Margarida da Silva e Orta?

O texto está organizado em três seções, quais sejam, a primeira versa sobre literacia e representações sociais; a segunda apresenta alguns dados biográficos da autora e, por fim, a terceira e última seção, mostra um resumo do livro *Aventuras de Diófanos* e aborda as representações da autora na referida obra literária.

2. Literacia e Representações Sociais

A Literatura é uma aliada da História, pois como sinaliza Chartier (2009, p. 21), nos dias de hoje, os historiadores reconhecem que “o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado”. O autor enfatiza ainda que:

As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história (CHARTIER, 2010, p. 21).

Isso significa que a História e a Literatura estão intrinsecamente imbricadas como formas de representações do passado, constituindo-se em importantes ferramentas que possibilitam a compreensão do passado. A Literatura tem se destacado como uma das vertentes da História Cultural, que investiga como os sujeitos se apropriaram de suas próprias representações para produzir seus textos. Isto é, por meio da escrita, os historiadores têm condições de entender como pessoas ordinárias atribuíam sentido às suas próprias experiências de vida e às de seus contemporâneos, enfim, compreender sentidos atribuídos ao seu universo social.

As práticas narrativas, como salienta Burke (2008), proporcionam pistas importantes sobre o mundo no qual foram produzidas, favorecendo novos olhares sob uma determinada cultura, pois o passado do homem dificilmente pode ser compreendido na sua plenitude, tais quais os eventos realmente aconteceram. Em outras palavras, não há possibilidade de se reviver o objeto de estudo da História, levando-se em conta o fato de as escritas produzidas pelos historiadores não representarem uma reconstrução exata dos eventos históricos. Isso significa dizer que não existe uma interpretação primorosa e consensual do passado.

Naturalmente, porém, em qualquer contexto histórico, o autor de uma obra literária usa a sua imaginação para transmitir as suas mensagens por meio da emoção, o que se constitui como uma das características da literatura, e geralmente ela é inteligível para os leitores aos quais foi dirigida. Nessa direção, Chartier salienta: “algumas obras literárias moldaram, mais poderosamente que os escritos dos historiadores, as representações coletivas do passado” (CHARTIER, 2009, p. 25).

Assim, nossa interpretação metodológica da obra de Teresa Margarida leva em consideração a noção de representação, proposta por Chartier (2009), que sublinha a importância de ultrapassar os limites da análise das ideias e do discurso para adentrar o nível das representações de sujeitos “não como simples reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social” (CHARTIER, 2009, p. 7); e o conceito de literacia, conforme SOARES (2006) e STREET (1993).

O termo *literacy*, em inglês, e literacia e letramento, em português de Portugal e do Brasil, respectivamente significam, de acordo com Soares (2006), o estado ou condição que assume aquele

que aprende a ler e escrever. De acordo com Street (1993), o enfoque ideológico do termo sugere que as práticas de literacia estão indissoluvelmente associadas às estruturas culturais e de poder da sociedade. Podemos, portanto, a partir dessas assertivas, concluir que o significado de literacia varia através dos tempos e das culturas e que, subjacentes a este conceito, insere-se a ideia de que a leitura e a escrita acarretam consequências cognitivas, culturais, sociais, políticas e econômicas, tanto para a sociedade quanto para o indivíduo que aprende a usar essas habilidades linguísticas.

Partindo, pois, desses dois conceitos, não nos restam dúvidas de que Teresa Margarida, em virtude de ter um nível intelectual privilegiado como mulher oitocentista, representava o mundo social das mulheres de sua época de forma diferenciada da maioria dos sujeitos de seu tempo. Ou seja, os seus elementos de literacia lhe possibilitaram assimilar conhecimentos de natureza transformadora, que a levaram a tornar-se crítica, reflexiva e agente do seu próprio destino.

Nessa perspectiva, este estudo buscou destacar como a autora utilizou elementos de literacia com vistas a tentar contribuir para com o processo educacional das mulheres de sua época. Nossa interpretação metodológica do referido livro leva em consideração os conceitos de representação social e de literacia, pois acreditamos que a aplicação desses conceitos pode ajudar a compreender o pensamento dessa mulher intelectualizada e singular, para a época, no que atine à condição social das mulheres no século XVIII.

O conceito de representação social nasceu na Sociologia, nos estudos de Durkheim (1989) sobre religião. Ele mostrou que fenômenos sociais não podem ser explicados através de estudos sobre o indivíduo, pois este não é responsável pela criação de uma língua ou religião, ou seja, da cultura. Moscovici (1900) aprofundou o pensamento de Durkheim ao conceituar representações sociais como fenômenos múltiplos, que podem ser observados quer seja em termos das complexidades individuais ou coletivas; em outras palavras, envolve o lado psicológico do sujeito.

Nessa direção, acreditamos que o modelo metodológico, o qual se insere no campo da História Cultural, coaduna-se com a interpretação literária do nosso *corpus*. Salientamos que se trata de um livro que está fora do cânone literário de língua portuguesa e, apesar dos avanços nas áreas da “história e literatura” e “estudo de gênero”, ainda não se estuda a autora em tela e sua obra literária com a importância devida.

Destacamos, ainda, a relevância de revisitarmos autoras(es) prógona(o)s, pouco conhecidas(os) na atualidade, uma vez que elas(es) nos ajudam a compreender processos que desencadearam a construção de pensamentos humanísticos e o desenvolvimento da criticidade, ferramentas essenciais contra formas de poder e opressão, elementos tão caros para a nossa civilização.

Como enfatizou Chartier, o tempo é uma propriedade social e implica em questões de poder, “[...] as diversas temporalidades não devem ser consideradas como envoltórios objetivos dos fatos sociais; são o produto de construções sociais; que asseguram o poder de uns (sobre o presente ou o futuro, sobre si próprios ou sobre os demais) e levam os outros à desesperança” (CHARTIER, 2009, p. 68).

Na próxima seção, apresentamos alguns dados sobre Teresa Margarida da Silva e Orta, reiterando que pouco ainda se discute sobre a biografia da autora e o seu importante trabalho para a literatura brasileira e portuguesa.

3. Sobre a autora

Teresa Margarida da Silva e Orta nasceu em São Paulo, em 1711, ou no início de 1712. Foi filha do português José Ramos da Silva, um influente comerciante que enriqueceu no Brasil, e da brasileira Catarina Dorta (ou de Horta). Embora haja referências ao escritor e filósofo Matias Aires da Silva e Eça, como sendo o seu único irmão, fala-se, também, em uma irmã chamada Catarina que, tal como

Teresa Margarida, foi educada no Convento das Trinas.

Há muitos dados imprecisos sobre a autora e esses se devem, principalmente, à falta de fontes primárias, o que impede o desenvolvimento de estudos mais sistematizados, constituindo-se, por isso, em um grande entrave para que tenhamos uma reconstituição da vida de Orta, revelando o quanto pouco se avançou na narrativa biográfica da autora, conforme atesta Oliveira (2019).

O que sabemos é que, ainda criança, aos cinco ou seis anos de idade, ela foi morar em Portugal com seus pais e irmãos, nunca mais retornando ao seu país de origem. Ela instruiu-se em música, artes, poesias e tinha, também, algumas noções de Astronomia, o que já revelava a sua engenhosidade para a época.

No entanto, mesmo com esses conhecimentos, muitos atribuíam (e ainda atribuem) a sua erudição ao fato de ser seu irmão um filósofo e escritor muito respeitado à época, ou ao fato de ela ter sempre convivido em um meio de pessoas intelectualizadas, tendo inclusive mantido relações com personalidades influentes da maçonaria, consoante Santa-Cruz (1990). Evidentemente, tais fatores podem ter contribuído para com o seu desenvolvimento intelectual, mas não podem ser considerados como os únicos. Afinal, conforme já dissemos, foi por meio da literacia que Orta ascendeu. Conforme atesta Oliveira:

[...] assim como é comum à grande maioria das histórias de mulheres que antecedem o século XX, as informações encontram-se limitadas pela figura masculina à qual estão submetidas. Teresa Margarida, então, existe publicamente e para o reino português primeiramente enquanto filha de José da Silva, depois enquanto esposa de Pedro Moller e, por fim, irmã de Mathias Aires (OLIVEIRA, 2019, p. 22).

Observamos, uma vez mais, que é reiterada a relação de submissão da mulher, sendo ela relacionada a figuras masculinas da própria família, embora não somente, como se não fosse igualmente capaz de se projetar por si só.

Sabemos, também, que Orta entrou no Convento dos Trinas e, ainda adolescente, casou-se contra a vontade do pai - fato incomum no Portugal do século XVIII - por ser seu marido um homem de classe social inferior à sua e motivo pelo qual foi por seu pai deserdada.

Contribuiu, também, com o Marquês de Pombal nas querelas contra a Companhia de Jesus e com ele chegou a trocar correspondências para tratar de questões relativas à sua herança de seu pai, em virtude de uma luta travada durante anos com seu irmão por esse motivo. Posteriormente, em 1770, já viúva e avó, foi presa no Mosteiro de Ferreira de Alves, a mando do próprio Marquês de Pombal, onde permaneceu por sete anos; há menção ao fato de ela ter sido presa por acobertar a relação de seu filho com Teresa Mello, de quem Pombal era parente. Após a Viradeira, foi liberada pela rainha D. Maria I, a quem havia escrito, inúmeras vezes, implorando a libertação, a qual lhe foi concedida, bem como a outros que estiveram presos durante o período em que Pombal atuou como o primeiro ministro de Dom José I, em reação aos seus atos.

Foi nesse período em que esteve encarcerada que se dedicou aos versos, escrevendo diversos poemas e mantendo correspondência com políticos e escritores. Faleceu em 1793, mas as contendas sobre a sua vida e as suas obras não findaram.

Na seção que segue, trataremos da obra, de forma sucinta, e das representações sociais nela imprimidas por Teresa Margarida.

4. Sobre as *Aventuras de Diófanes* e as representações de Orta

Inicialmente, faz-se importante destacar o fato de que o livro *Aventuras de Diófanes*, publicado em 1752, teve, por mais de dois séculos, o nome de sua verdadeira autora abstraído e foi cercado por diversas polêmicas, a exemplo de suas inúmeras edições e controvérsias sobre a sua autoria, fatos esses deveras reveladores no que concerne aos valores de uma época fortemente marcada pela repressão típica de uma sociedade misógina, conservadora e moralista.

Por esse motivo, durante muito tempo, sua obra, hoje considerada uma das mais representativas do século XVIII, foi atribuída à Alexandre de Gusmão. Seu nome aparece na primeira edição brasileira do romance somente em 1945, o que não tomamos como surpresa, pois o texto escrito por uma mulher, à época, revelava o seu ‘ínfimo’ valor literário, em nada importando se o seu enredo era inovador e/ou transgressor, como foi o do livro de Teresa Margarida.

Em se tratando da trama, o local escolhido pela autora para cenário de sua ficção foi a Grécia e a sua circunvizinhança. O enredo trata do rei e da rainha de Tebas, Diófanes e Climinéia, juntamente com seus filhos Almeno e Hemirena que, navegando rumo a Delos, no período dos jogos públicos daquela ilha, para a realização do enlace matrimonial de sua filha com Arnesto, príncipe daquele domínio, foram vítimas de uma tormenta que dissipou a esquadra real sendo essa, posteriormente, atacada por piratas em Argos.

Na batalha, Almeno, o filho jovem e valente do casal imperial, foi assassinado na presença dos pais, que, juntamente com Hemirena, foram subjugados, aprisionados e vendidos, separadamente, na condição de escravizados. A partir de então, todas as personagens passam por situações bastante infortunadas que as obrigam a esconder suas verdadeiras origens e assumirem novas identidades como forma de autopreservação. Após conseguirem vencer várias intempéries, graças às suas virtudes, elas se reencontram e voltam para casa.

Vale destacar que Teresa Margarida era conhecedora da mitologia grega e, portanto, não foi por acaso que ela escolheu o universo grego como *locus* de sua narrativa. A exemplo da tradicional Latona, seus personagens tinham como destino Delos e também foram perseguidos no mar Egeu, considerado o sítio sagrado de Apolo e de Artemis na Antiguidade Clássica.

Nas suas de *Aventuras de Diófanes*, a autora assume um papel de guardião dos valores, da moralidade e dos preceitos condizentes com a sociedade da época; assim, pode-se afirmar que o livro tem um cunho pedagógico.

Para compreender um trabalho literário de uma mulher do século XVIII, é mister entender o lugar que possibilitou suas reflexões e impulsionou sua escrita. No prólogo do livro, ela esclareceu a sua conscientização sobre a inferioridade do gênero feminino ao enfatizar:

[...] e como em toda a matéria pertence aos sábios advertir imperfeições, quando reparares em erros, que desfigurem esta obra, lembre-te que é de mulher, Que nas tristes sombras da importância suspira por advertir a algumas a gravidade de Estratônica, a constância de Zenóbia, a castidade de Hipona, a fidelidade de Polixena, e a ciência de Cornélia (ORTA, s/d, p. 2).

Percebemos sua ironia, pois, com seu nível intelectual, ela sabia perfeitamente que não era o fato de ser mulher que a tornava menos capacitada para escrever uma obra literária. Logo, ela tinha consciência de que o fato de ser mulher e tornar-se escritora, na sua época, conferia-lhe uma posição diferenciada no seu meio social, particularmente numa sociedade fortemente androcêntrica, onde

uma mulher escritora era algo singularíssimo para a época. Nesse sentido, percebe-se que, ao se “desculpar” pela sua suposta “inferioridade” na escrita, Orta estava sendo irônica, pois era consciente de que, para uma mulher sair da esfera doméstica e adentrar o espaço literário, sendo esse praticamente exclusivo dos homens, não era algo usual. Em outras palavras, ela sabia que estava quebrando tabus.

Como integrante do seu universo social e, particularmente, como leitora de filosofia, Orta também sabia que os poucos textos escritos por mulheres eram classificados como de baixa qualidade e conhecia as ideias de filósofos iluministas convencidos de que a capacidade de raciocínio da mulher era inferior ao do homem; aliás, esta convicção remontava há séculos, pois de acordo com Scott (2001), a *Querelle des Femmes* foi um debate literário e filosófico, entre os homens, ocorrido no século XV, nascido na França e, posteriormente, propagado em toda a Europa, que teve como meta colocar em discussão as capacidades intelectuais e amorosas das mulheres. Assim, a polêmica sobre a desigualdade entre os sexos já era recorrente durante o período em que a autora viveu.

Rousseau (1712 - 1778), contemporâneo da autora, era convicto de que a desigualdade entre os sexos seria algo vinculado à própria natureza e à razão. Segundo o filósofo do século das luzes:

Quando a mulher se queixa da injusta desigualdade que o homem impõe, não tem razão; essa desigualdade não é uma instituição humana ou, pelo menos, obra do preconceito, e sim da razão: cabe a quem a natureza encarregou do cuidado dos filhos a responsabilidade disso perante o outro (ROUSSEAU, 1992, p. 428).

Assim, ele propagava que as mulheres tinham a obrigação de aprender a serem mães e esposas porque se tratava de uma lei da natureza. Preconizava que elas não deveriam ter muita liberdade e que as qualidades femininas deveriam ser aprendidas desde tenra idade. Ademais, defendia a proposição de que cabia às mulheres permanecerem no espaço doméstico, o qual lhes seria apropriado; era um crítico das mulheres burguesas que ousavam sair da esfera privada para frequentar salões e participarem de reuniões sociais, nas quais mantinham contato com intelectuais, políticos e artistas. Ele abominava, ainda, as mulheres letradas, que, no seu entender, representavam um “flagelo” para seus familiares e para o mundo inteiro.

[...] preferiria cem vezes mais uma jovem simples e grosseiramente educada, a uma jovem culta, que viesse estabelecer no lar um tribunal de literatura de que seria presidenta. Uma mulher assim é o flagelo do marido, dos filhos, dos amigos, dos criados, de todo mundo. Do alto de seu gênio, ela desdenha todos os seus deveres de mulher, e começa sempre por se fazer homem à maneira de Mlle. de l'Enclos. Fora de casa ela é sempre ridícula e mui justamente criticada, pois não pode deixar de sê-lo quando se sai de sua condição e não se é feito para a que se quer ter. Todas essas mulheres de grandes talentos só aos tolos impressionam. [...] Toda jovem letrada permanecerá solteira a vida inteira, em só havendo homens sensatos na terra. (ROUSSEAU, 1992, p. 491).

Essas ideias eram transmitidas culturalmente, e consubstanciadas por meio das instituições sociais, de forma universal, e, por conseguinte, fındaram por edificar a visão androcêntrica e patriarcal no mundo. Podemos afirmar, a partir disso, que através da produção de sua obra literária, Teresa Margarida estava evidenciando a inveracidade do pensamento filosófico dominante, mostrando que não seria subjugada pelo sistema vigente da época, uma vez que o conhecimento por ela adquirido,

através da Filosofia, permitira-lhe construir suas proposituras, colocando-a como protagonista em cenários discursivos, ou seja, em um lugar de poder.

Após suas escusas, ainda no prólogo, a autora acrescentou:

Não estranhes que em uma serrana coubessem soberanos pensamentos, pois sabes que em uma Aldeia nasceu Pirro, que venceu os Epirotas; em outra Cipião, que venceu os Africanos; em outra Otávio, que venceu os Germanos; e em outra Tito, que venceu os palestinos: mas no caso que a enchentes das críticas engrossem tanto, que cheguem a sátiras, nem assim creias que me chegarão à notícia, porque vivo na minha choupana vizinha da Serra da Estrela, aonde não chegam novidades da Corte; mas se houver quem se resolva a maltratar-me, eu lhe respondo com Demétrio, quando lhe perguntou Lâmia, porque estava triste, e não falava? Dizendo: Deixa-me, que eu faço bem o meu ofício, calando, como tu o teu, falando; e se a discrição degenerar, sendo ingrata às intenções desta obra, a infâmia de ser tal terei por satisfação do meu agravo (ORTA, s/d, p. 2).

Percebemos, nessas suas palavras, seu tom incisivo, já apresentando uma defesa da sua ficção contra as críticas que possivelmente viriam. Vale destacar que ela especificou o lugar onde morava, e, com isso, a sua posição social pouco privilegiada, posto já ter sido deserdada pelo pai e levar uma vida modesta, sem luxo.

Em *Aventuras de Diófanes*, Teresa Margarida buscou zelar pelos bons costumes e o decoro de sua sociedade. Observamos, inclusive, que, ao escrever esse livro, ela teve como público alvo as mulheres da corte portuguesa. Possivelmente, pretendeu se endereçar às mulheres mais favorecidas por essas pertencerem à camada social na qual tinham, de alguma forma, a oportunidade de serem instruídas a ler e escrever. Podemos, também, inferir, que ela pretendia incentivar outras mulheres de seu tempo, a seguir o seu exemplo intelectual.

Mesmo tendo consciência de que a educação feminina estava direcionada unicamente aos afazeres domésticos, ela deixa implícito que a mulher deveria ter os mesmos direitos do homem em se tratando do direito à formação instrucional. Ao criar Hemirena, a sua personagem principal, como uma mulher instruída na música, poesia, e em astronomia, a autora produziu o seu protótipo de mulher ideal, qual seja, uma mulher instruída e uma filha que proporciona alegria aos pais. No seu prólogo, ela destacara “o prazer dos pais, que chegam a ver bem sazonadas os frutos da boa educação” (ORTA, s/a, p. 3). É significativo notar o fato de a autora dotar sua personagem principal com a educação recebida por ela própria.

Suas mensagens às mulheres da corte visavam combater os excessos dos comportamentos por ela considerados como futilidades e ociosidade e que seriam causadores das más paixões. Ressaltamos o diálogo entre as personagens Barnélia e Delmetra, por ocasião do debate coletivo ocorrido nas festividades do casamento de Learco com Olímpia, no qual a primeira pergunta para a segunda qual seria o pior trabalho das mulheres na Corte, e Delmetra responde:

A eleição das cores, com que pintam a formosura (respondeu Delmetra), pois gastam a maior parte do dia em contínuas transformações, sem chegarem a conhecer que o natural lhes está melhor; e assim passam de desejo a desejo, querem, e não querem, mancham-se, e desmancham-se; fazendo-se aborrecer de perto, as que se fizeram amar de longe; e sem parecerem de manhã as que são à tarde, não têm mais constante estado que em conservarem aquela

indiscreta opinião. Este mal inveterado se acha nas mulheres, que tomam contínuos os bailes, recreios, e conversações, em que na chusma desentoadada falam muitas ao mesmo tempo; umas em dilatados cumprimentos, outras repetindo histórias mal aplicadas, com as sábias, falando nos Escritores, e dando a arte aos Poetas, e outras, que como estátuas da vaidade na contemplação da sua beleza, e bizarria, se estão revendo em si mesmas, e exercitando-se em visagens, e melindres (ORTA, s/d, p. 25).

As preocupações excessivas com a beleza, associadas aos vícios, representavam, para a narradora, atividades fúteis, que podiam se tornar perigosas, uma vez que despertavam paixões avassaladoras. Contextualizando o pensamento de Orta na realidade do Século XVIII, destacamos a visão do corpo feminino da época, que era considerado como uma variante deformada do corpo masculino, algo incompreensível e misterioso, associado ao demônio. Assim, o recato, o silêncio e a sobriedade eram qualidades consideradas imprescindíveis à mulher.

[...] porque muitas ignoram que a formosura do rosto apenas nasce, tem mil contrários, que a arruinam, que só faz cara ao tempo, e aos trabalhos, a que consiste em um espírito aprazível, e modesto, que com suavidade as faz amáveis, e tão poderosas, que confundem a ousadia, tiram as armas ao atrevimento, e triunfam dos rendidos, sem mais trabalho que recomendarem-se ao silêncio, que costuma alegar a seu favor (ORTA, s/d, p. 25).

A sexualidade feminina era, portanto, considerada uma força demoníaca, a qual deveria ser reprimida, controlada e dominada. De tal modo se acreditava nisso, que aquela nefasta negatividade que atuava, constantemente, sobre as mulheres, seria vencida através da fé cristã; assim, era preciso mantê-las castas, religiosas ou fazê-las esposas e mães através do casamento, arranjados entre as famílias. Portanto, o enquadramento submisso da mulher se consolidava na família. Nessa conjuntura, a mulher prestigiada e respeitada na sociedade era aquela que evitasse os arrebatamentos das paixões. Assim, o recato, o silêncio, a religiosidade e o trabalho eram as ferramentas que a narradora das *Aventuras de Diófanes* acreditava ser necessárias para vencer aquele mal. Logo, em todo o enredo, por intermédio de vários personagens e situações, o leitor se depara com apologias ao recato e ao decoro feminino.

Ao narrar o casamento da bela pastora Olímpia com o velho Learco, ela apresenta uma situação comum na sua tradição cultural: uma jovem se casar com um homem idoso em obediência aos pais. Contudo, enfatiza a infelicidade que muitos casamentos acarretam às mulheres, e ela não poupa críticas aos homens. Quando perguntam a Delmetra sobre qual seria o maior trabalho das mulheres casadas, esta responde:

Os maridos impudentes (lhe respondeu); e é tão grande a infelicidade das mulheres. (...); porque de coléricos passam a furiosos, que quando vêm para casa dão nos filhos, gritam com as mulheres, descompondo-as de feias, e mal procedidas; outros, que vizinhas buscam alegres, servem cuidadosos, e festejam com gosto, e se aproveitam das mulheres próprias para lhes fazerem comer, criar filhos, e guardar a casa (ORTA, s/d, p. 25).

Contudo, a despeito de transparecer ser zelosa em relação aos costumes de sua sociedade, Orta discorda dos locais reservados à educação das mulheres. Em diversas partes do livro, ela destaca que a mulher deve, de acordo com suas possibilidades, se dedicar à leitura. Ou seja, ela leva o leitor a refletir sobre o papel social da mulher, o qual, em sua opinião, deveria ir além do casamento e da maternidade. E é significativo que suas personagens femininas, em diversas partes do texto, dirijam a sua fala a outras mulheres.

Há mulheres na Corte, que em oitenta anos, que viveram, nunca tiveram mais aplicação que a dos seus enfeites; e é cousa lastimosa que deixemos de enriquecer-nos dos conhecimentos necessários com a leitura de bons livros, que são companheiros sábios de honesta conversação. Nós não temos a profissão das ciências nem obrigação de sermos sábias; mas também não fizemos voto de sermos ignorante. Há mulheres, que em acabando os primeiros cumprimentos já não querem mais que dizer mal, e falar em enfeites, e outras semelhanças ninheiras; estas fora melhor que aprendessem a calar, se não sabem tratar conveniente; não digo que sejam sábias como as Musas e Sibilas; mas que conforme sua esfera, e possibilidade, se apliquem às ciências, e ao que sirva para a boa direção dos costumes, que como não são animais, que tirem das folhas, veneno, não podem abusar da celestial ambrósia, que nos livros se acha; porque o ignorar a gravidade da culpa, e os preceitos da modéstia, conduzem para o tropeço (ORTA, s/a, p. 26).

Ao preconizar a leitura para as mulheres como forma de lhes tirar do lugar comum, a narradora lhes incentiva a ocupar um lugar diferenciado daquele imposto pelo sistema androcêntrico e patriarcal, que as mantendo sob a tutela do homem, só lhes permitiam aprender o que a eles convinham, fosse como pais ou maridos. Porém, ao mesmo tempo, em que Teresa Margarida da Silva e Orta demonstra ter ideias avançadas para a educação feminina, ela também é cautelosa quanto ao tipo de leitura que, de fato, contribuía para a educação da mulher de sua sociedade. Discorrendo sobre a questão colocada, na festa de núpcias, a personagem Delmetra acrescenta:

Nem digo que seja útil o lerem toda a casta de livros, pois são perniciosos os que tratam das paixões, que insensivelmente costumam introduzir-se nos ânimos; porque ainda que se pintem com agradáveis cores, elevado estilo e invenções honestas, nem assim nos convém lê-los, e basta que nos apliquemos aos que nos encham de documentos admiráveis fazem temer os efeitos do ócio (ORTA, s/d, p. 26).

Naquele momento histórico, havia os romances, nos quais eram encontrados belos enredos amorosos. Provavelmente, é este tipo de leitura que a autora desaconselhava, pois acreditava que o excesso de sentimentalismo não contribuía para desenvolver o intelecto das mulheres e incitava paixões perniciosas, malignas.

Vale ressaltar que, ao criar um romance no qual o enredo gira em torno de uma trágica separação familiar, destacando o assassinato de um filho na presença de seus familiares, Orta foi, provavelmente, inspirada pelas cenas a que ela assistiu no Brasil.

Não se ouviam naquele desembarque mais que os lastimosos clamores ao céu, com que uns se lembravam dos que havia deixado, e outros horavam sua triste escravidão. Diófanes e Climinéia (a quem mais magoava a filha, que levavam) com inexplicável conformidade a dispunham, para trocar os

descansos pelas fadigas; e Hemirena discretamente aflita animava a mãe, dizendo: Suspendei, Senhora, as correntes do amargo pranto, se acaso mais vos afligem a meu respeito os pesados grilhões da escravidão: nem seja cruel despertador do vosso cuidado a periga idade, em que me vedes; que eu juro aos Deuses, que me sustentam, fazer sempre ações dignas de quem teve lugar nas vossas entranhas. A este tempo, em que as lágrimas, e suspiros mais vivamente expressavam o sentimento, se repartiram os escravos, negando a filha aos olhos da mãe; e Diófanes, por chegar mal ferido, o venderam para Corinto por preço muito limitado, entendendo teria poucos dias de vida; e como via chegar o tempo da sua separação: Amada filha, (disse) já que a tão miserável estado te reduziu a minha cruel fortuna, conserva sem desmaios as sólidas doutrinas da tua educação, o exercício das virtudes, e a lembrança da distinção, com que nasceste, para sempre serem nobres as tuas ações, teme os Deuses, ama constante o decoro, despreza o ócio, e serve o teu destino (ORTA, s/d, p. 4-5).

Posteriormente, no decorrer da narrativa, quando Argenéia pergunta à Hemirena se ela havia sido bem tratada quando esteve no cárcere, ela responde:

Foste bem tratada nessa casa? Lhe perguntou Argenéia. Os primeiros meses

(respondeu Hemirena), como a minha larga moléstia me não dava alento para servirilos, me assistia uma velha caritativa: e ali iam todos ver-me, como se fossem bicho de feito estranho, trazido dos mais remotos confins do Mundo (ORTA, s/d, p. 8).

Acreditamos que as imagens dos mercados de escravos, nos quais africanos, subjugados por tribos rivais em seu próprio continente eram trazidos como escravos, vendidos e separados dos seus familiares, devem ter servido como inspiração para a autora. Ressaltamos, ainda, que em várias partes do livro há críticas sobre a desigualdade social da época. Assim, podemos inferir que a autora era sensível e solidária com o sofrimento dos outros e que sua obra se revela como um importante documento historiográfico para a compreensão da sociedade e dos ideais políticos do fim do período joanino.

5. Considerações Finais

Em seu livro *Aventuras de Diófanes*, Teresa Margarida da Silva e Orta procurou transmitir às mulheres da corte portuguesa o seu ideário de educação feminina. Ao apresentar uma série de críticas àquelas mulheres, que viviam no ócio ou fazendo coisas por ela consideradas como futilidades, buscou ratificar os “bons costumes” aplicados no seu meio.

Por outro lado, também se colocou na posição de vanguarda, para a sua época, ao incentivar as mulheres a lerem e buscarem, por meio das ciências, fugirem do ócio e melhorarem seus níveis de instrução. Nesse sentido, as representações sociais da autora sobre o seu contexto histórico se coadunam com aquelas da sociedade oitocentista.

Vale ressaltar, porém, que, apesar de ratificar a importância de a mulher manter-se virtuosa, a autora preconizava que ela deveria desenvolver-se intelectualmente, através da literacia. Nesse sentido, ela se insurgiu contra o *status quo* da mulher na sua sociedade, indo de encontro à educação androcêntrica dada às mulheres, cujo objetivo era unicamente prepará-las para cuidar do marido, dos filhos e do lar.

Sua personagem principal, Hemirena, nos mostra que a mulher é tão capaz quanto os homens, apesar de não lhe serem dadas as mesmas oportunidades. Fica-nos evidenciado, ainda, que Teresa Margarida, por intermédio das suas personagens e das diferentes personalidades por elas assumidas, consegue revelar as muitas desigualdades ainda existentes entre nós, a exemplo da condição de inferioridade à qual a mulher sempre esteve (e em muitos casos ainda está) submetida.

Merece menção o fato de a autora ter escrito sobre a condição feminina e o papel da mulher perante a sociedade; isso já revelava a sua engenhosidade e audácia para a época, o que lhe propiciou ir além do que lhe era permitido no propósito de romper barreiras, criando importantes espaços de saber para as mulheres e, sobretudo, possibilitando-lhes ter uma visão bem diferenciada da mulher frágil, inculta e sonhadora do século XVIII.

Por fim, a obra aqui analisada, apesar de ser ainda pouco discutida e valorizada, constitui-se em um importante documento historiográfico para a compreensão da sociedade em que viveu a autora oitocentista, tornando evidente a necessidade da realização de estudos mais aprofundados sobre a autora e seus trabalhos literários.

Referências

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ORTA da Silva, Teresa Margarida. **Aventuras de Diófanos**. Pará: Núcleo de Educação a Distância da Universidade da Amazônia, S/D. Disponível em: http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/teresa_margarida.pdf

>Acesso em: 15/08/2020.

MENEZES, Jeannie da Silva. **Sem embargo de ser fêmea: as mulheres e um estatuto jurídico em movimento no “direito local” de Pernambuco no século XVIII**. Tese de Doutorado. Recife: Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

Disponível

em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7464/1/arquivo779_1.pdf

Acess

ado em: 31/08/2020.

OLIVEIRA, Beatriz Linberger dos Anjos. **As ideias políticas em Aventuras de Diófanos de Teresa Margarida da Silva e Orta (1752)**. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019.

RIBE

IRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, MENDES, Luciano e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. p. 19-94.

R

OUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SANTA-CRUZ, Maria de.

>Crítica e confluência em Aventuras de Diófanos (1752). Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1990.

SCOTT, Joan. “La querelle des femmes” no final do século XX. In: **Revista de estudos feministas** /strong>. Florianópolis, 2001, Vol. 9 nº 2.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200004&script=sci_arttext

Acesso em: 15/08/2020.

*Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Possui Bacharelado em Humanidades pelo Saint Catherine University, Saint Paul, USA; graduação em Letras pela UFPE, e Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo como área de concentração a Língua e Literatura Inglesa. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Membro do GP Educação e Contemporaneidade (EDUCON), daquela instituição superior de ensino.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do GP Núcleo de Estudos de Cultura da UFS (NECUFS) e do GP Educação e Contemporaneidade (EDUCON), da mesma instituição. Atua como docente na Universidade Federal de Sergipe nos cursos de graduação em Letras Português-Inglês e Letras Inglês e seus interesses de pesquisa versam sobre Políticas Linguísticas, Internacionalização, História do Ensino de Línguas, Ensino-Aprendizagem de Línguas, Formação de Professores de Línguas e Literatura de Autoria Feminina.